

A Paixão segundo São Torcato

Augusto Santos Silva*

Resumo: São Torcato é uma freguesia do concelho de Guimarães, Noroeste de Portugal, na qual o autor realizou um estudo sociológico. Neste artigo, focaliza-se o tema da *paixão*, nos seus usos locais - para designar a devoção religiosa, o desejo e certas atitudes perante o trabalho. Na sequência, o autor interroga-se sobre o que pode eventualmente articular o sentimento dos seus observados, tal como a paixão o exprime, e a sua própria motivação e sentimento de observador.

I

Quando, narra o envagelho de Saramago, Cristo exigiu saber quanto de sofrimento e morte iria custar a vitória sobre as outras da Igreja que o reclamaria, Deus, contrariado, acabou por traçar uma lista alfabética de mártires vindouros. Entre Tomás Becket de Cantuária e Tropez de Pisa, não longe de Servácio de Tongres e de Maastricht, tiveram seu lugar Torcato e os Vinte e Sete, mortos pelo general Muça às portas de Guimarães.

Numa terra chamada São Torcato, onde há pelo menos quatro séculos se encontrou e venera um corpo incorrupto, conservado primeiro numa capelinha paroquial e depois majestosamente instalado num santuário por concluir. E há cerca de cento e cinquenta anos se aceita uma interpretação que vincula o corpo descoberto à antiga história do sacrifício, na oitava centúria, às mãos dos invasores muçulmanos da Península, de um arcebispo de Braga, denominado Torcato, com um punhado de seguidores. Assim se compondo um texto que reaproveita a devoção medieval a essoutro São Torcato, bispo de Cadiz e varão apostólico, sepultado no convento galego de Celanova, de quem provinha historicamente o nome da freguesia; transforma-a em devoção ao arcebispo-mártir de Braga; e por este meio propõe uma integração religiosa para o corpo milagroso.

A tensão entre o princípio popular do corpo santo, porque incorrupto, e o princípio eclesiástico do corpo incorrupto, porque de santo, é persistente. A recente desqualificação do texto oitocentista, questionando a lista de mártires revelada a Cristo e negando autenticidade ao santo venerado, alimenta esta tensão. Mas o culto local expandiu-se o suficiente para que não deixe de ser indispensável assegurar-lhe algum enquadramento institucional, mesmo que periférico e menorizado.

* Faculdade de Economia do Porto

O compromisso elaborado, em meados do século XIX, entre crença popular e direcção eclesiástica, exprimiu-se num opúsculo, redigido pelo primeiro secretário da comissão central de certa trasladação imponente, e intitulado *Vida Preciosa e Glorioso Martírio de S. Torcato*. Com poucas variações, é a sua história — arcebispo martirizado, corpo abandonado, depois descoberto intacto e cuidadosamente conservado — que os romeiros e os promitentes de hoje tomam por referência. Ao *corpo santo* se entregam, para gerir a incerteza, a dor e a esperança - quando o mar encapelava sobre o barco do pão, era preciso emigrar, o filho batalhava em Angola, ou a doença ameaçava e a velha ceifeira rondava perto. O sofrimento padecido pelo Santo, a sua paixão, é o garante último da sua disponibilidade para fazer uso dos poderes sobrenaturais de quem atravessou limites, de algum modo passando além da vida e da morte, em benefício dos bichos terrenos perdidos nos seus próprios sofrimentos e incapacidades.

Equivalência de paixão a paixão. Segundo o exemplo de Cristo — que, após um momento de hesitação, para os apóstolos, ou de revolta, para Saramago, aceitou desprender-se de si mesmo e tornar-se passivo objecto de uma tortura intensa, dramática e injustificável, a não ser pelo sentido libertador que a injustificabilidade poderia favorecer — o arcebispo de Braga havia aceitado o martírio, em nome da fé e contra o parecer dos conselheiros, que nestas ocasiões se imagina sugerirem sobretudo prudência, retiro e segurança. A redenção da culpa pelo sofrimento é também o que, a seu modo, procuram os fiéis, que invocaram o auxílio do mediador em apuros geralmente de dor e incerteza, que tendem a racionalizar ainda como culpa sua ou seu desamparo, desvalia sempre. E, se no pagamento da dádiva obtida com o sofrimento físico, até que o sangue dos joelhos ou o rictus da face garantam publicamente que o favor está selado, se mostram os devotos pouco atentos à lição de Cristo, que havia dito "Misericórdia quero e não sacrifício", porque o seu sacrifício extremo pelos homens carecia então de todo o sentido se os homens persistissem em pensar que as questões se resolvem pelos martírios, do próprio a si mesmo, do próprio a outros ou de outros ao próprio — uma antiga e duradoura raiz assim prevalece, a regra da reciprocidade de favores e penas, entre seres terrenos e divinos unidos simbolicamente por laços de comunidade.

Não é só a história inautêntica legitimadora do culto que a autoridade eclesiástica agora condena, também esta equivalência de paixões. Não ainda em nome da misericórdia, mas da disciplina e da obediência — daquela razão punitiva que procura eliminar os barroquismos expressivos por onde surjam à tona fundas pulsões de desordem e extravagância. A paixão como martírio divino, paixão de Cristo segundo São Mateus, ou, à sua escala periférica, aldeã e plebeia, a paixão de São Torcato às mãos de sarracenos, devem motivar um quadro e não um teatro, uma parábola distante, ao mesmo tempo trágica e épica, e não um drama perturbado de actores, interesses, movimento e vida.

Nas marchas processionais que a Igreja contrapõe ao arraial e à fusão do sagrado e do profano, a representação dos episódios cruciais da encarnação de Cristo ocupa lugar de destaque. E o episódio mais marcante, do ponto de vista da lógica disciplinar, é a Paixão. Figurada por crianças. Mas, numa tarde de Maio de

1989, o calor já é relativamente intenso. Para fazer de Jesus, é escolhido de regra um matulão, que tem de levar a cruz. Os soldados romanos são bem mais franzinos e rapidamente abandonam a postura marcial, distraem-se, vão fora de ordem, mais atentos às filas de assistentes, onde há familiares, amigos e conhecidos, do que à figuração dos Passos. As lanças caídas. Um velho resmunga: "Não há aqui quem mande?" E quem manda, uma mulher, procura incitar os soldadinhos, apontando o Cristo rapagão: "Chuça-o, chuça-o!" A acção realista regressa, de novo, à representação, colora a alegoria, imiscui-se entre a doutrina.

II

Sobre os corpos e a paixão dos corpos vigiavam as autoridades religiosas, intensamente. Nos anos 60, face à tímida difusão de valores e comportamentos juvenis menos conformes à moral salazarista, as prevenções das autoridades eram extremas. No jornal religioso local, intitulado *S. Torcato*, condenavam-se, por exemplo, em 1969, as danças modernas em que "os pares se apertam e agarram, há então excitação de paixões e faltas de respeito mútuas".

Paixão como desejo, então. A desordem induzida pelo excesso. E o excesso que coloca outra vez, como o tormento e a dor, o sujeito na passividade, ser levado em vez de agir. É central, nas culturas camponesas, a dialéctica entre ordem e excesso, entre integração comunitária e expressão agonística. Nessa relação, o excesso não é negado, é contido. E a sua contenção requer a possibilidade de afirmá-lo e praticá-lo em momentos e formas próprios, rituais e festivos, de algum modo trazê-lo, libertá-lo e dominá-lo na praça pública. Geri-lo como violência, acção do corpo, jogo, irrupção periódica e ritual, que por isso mesmo compensa e se dilui na privação, na auto-limitação e no controlo conformista entre pares, do tempo dos trabalhos e dos dias. A paixão como festa e a festa como relação cruzada, o excesso tanto caracterizando o afecto como o combate, o amor como o ódio, o excesso como sobre-investimento da pessoa no motivo, que a nega como pessoa, tornando-a efeito da paixão sobre o motivo.

O código que exprime a ligação afectiva interpessoal é, aqui, mais um código de posturas e gestos que de palavras. Não é a verbalização racionalizadora do amor romântico como paixão. A intensidade, a desutilidade, o confronto consigo mesmo, os riscos que a afirmação do interiormente vivido coloca à regulação de si próprio, tendem a exprimir-se num código cultural feito da lógica prática mais do que de enunciados discursivos.

Ora, também esta codificação do desejo como paixão — e, designadamente, a interpretação por referência a ela da relação afectiva e sexual — se encontra em processo de desqualificação. Porque não pode opor às mudanças dos valores dominantes em matéria de moral privada a força do verbo — as palavras que às vezes usa para comunicar relutantemente os sentimentos quase se resumem ao reportório oferecido pelos cançonetistas que a si próprios se chamam românticos, da cultura popular industrial, e pelas telenovelas da hora de jantar. E a linguagem moderna e educada da sexualidade é ainda uma racionalização técnica que esvazia de sentido

a antiga articulação das múltiplas vertentes da paixão — amor a outrem, pessoas, bichos, casa ou terra, valorização do trabalho, expressão festiva e plebeia, ritual carnavalesco, jogo agonístico, corpos entre corpos.

III

O trabalho. O poeta encontrou o pedreiro. As mãos apertaram-se. Desse contacto fala o poeta, como só ele, poeta e Eugénio de Andrade, sabe pensá-lo e dizê-lo. "A pele rugosa da sua mão ainda a sinto na minha. Era pedreiro, como eu — haverá nome mais exacto para o meu ofício? O velho não suspeitava que seria um dia como ele: paciente, afável, sonhador, trabalhando de sol a sol. Só com menos talento. Também os materiais fazem alguma diferença — as palavras, da pedra não guardam o peso, herdaram apenas a cor. As minhas, têm às vezes a brancura lisa dos seixos, mas as outras, a noite parecia ter nelas encontrado refúgio. São as mais secretas, com elas poderia fazer-se uma coroa de relâmpagos. No entanto, eu prefiro aquelas com que se disfarça a ternura, tenuemente veladas pela luz do crepúsculo, com raros brilhos casuais. Exactamente o que o velho pedia à pedra".

Assim regressa a paixão. O gosto partilhado. Na feira local do gado, retorno a São Torcato, alguns lavradores queixam-se ao interlocutor — e nos queixumes não deixará de haver certo exagero retórico, paixão-parcialidade de quem sobrevaloriza inconscientemente ou conscientemente a sua experiência e o seu ponto de vista — de que agora cuidar do gado dá mais canseiras do que benefícios. Quem ainda cuida fá-lo por "gosto", ou até "para ter o gosto de mostrá-lo ao povo". Na feira.

Na festa a que assistia, um pouco à margem, e recriava a cultura tradicional do linho — que só assim, metaforicamente, como muitas outras práticas agrícolas de antanho, se actualiza no folclore de um momento — um velho camponês de 74 anos repetia sem cessar ao estranho que com ele praticava: já não há "paixão pela lavoura".

Mas, poderia retorquir-lhe o entusiasta local de vídeos e televisões, diplomado com um curso postal sobre electrónica, há o entusiasmo por coisas novas, feito também saber prático, inclinação duradoura e investimento a corpo inteiro. E a palavra justa para nomeá-lo continua a ser paixão.

Paixão pela arte própria, arte como ofício, materiais, energias, instrumentos e máquinas dirigidos pela articulação entre mão e cérebro. Se tomou a arte de pedreiro, que era a do seu pai, foi porque "sempre teve paixão pela arte"; e "quem tem paixão aprende, quem não tem nem vale a pena". O pedreiro reformado que assim falava, certo dia de Julho de 1989, no largo do santuário erigido a São Torcato, subscreveria provavelmente a descrição, por mestre Aquilino, daqueles "dons que constituem as virtudes teológicas do artista: esforço longo e contínuo, sentido da perfeição, prazer de ver as coisas bem feitas". E racionalizava certamente como vocação um destino. Mas essa codificação como paixão não era justamente o lance disponível para assimilar o constrangimento e introduzir no coração dele algum elemento de liberdade?

A paixão identifica, aqui, a ligação cultural enraizada, no curso das gerações. Cá onde — outra vez Aquilino — “os costumes têm raízes até ao centro da terra como os penedos”. O valor estimável da qualificação pessoal, ancorada no exercício de uma margem sólida de autonomia, no processo de trabalho e na gestão dos tempos. O que se perde, pois, na transição à condição de assalariado subalterno, mesmo quando é possível fugir ao grau zero da linha de montagem e, através da manutenção ou do escritório, exercer tarefas menos desqualificadas. Ninguém descreveu ao observador alógeno como paixão a sua ligação afectiva ao trabalho assalariado, a não ser que nele emergisse um antigo ou novo ofício, garantindo assim a autonomia pessoal e profissional. Entretanto, o ofício reexercido no biscoite doméstico, nas pequenas actividades ao mesmo tempo lúdicas e úteis e, designadamente, na realização material das festas públicas de lugar, o ofício é a expressão culturalmente mais funda e viva de actores comuns, que são penalizados fortemente em todas as outras espécies de capital mobilizável. Pelo ofício, o trabalho pode reconfigurar-se como arte — aquela que talvez se surpreenda na intersecção da prática do pedreiro e da habilidade do acordeonista — e tornar-se num dos lugares por excelência da criação cultural endógena.

Mas se a paixão nomeia a tradição, a qualificação e o ofício-arte, não é apenas porque nomeie neles a intensidade de uma ligação e a liberdade e sentido pessoal que por aí se preservem. Assinala ainda a sua desrazoabilidade, no mundo em redor. Finalmente, investimento não justificado, não útil, não pertinente, extravagante, face às lógicas da organização fabril ou burocrática, do mercado económico, do sistema escolar e do campo das indústrias culturais. A paixão pela lavoura, pelo gado, ou pela sargeza manual dos mestres carpinteiros, e o sobre-investimento de si mesmo em vinculações que só podem ter por referência um passado, embora vivo e presente, sobre que pesa o estigma da disfuncionalidade ou da anomia para o quotidiano de hoje. Referência a um sentido suspeito de não fazer mais sentido, a paixão assume a desrazoabilidade, a dramatização e, em último caso, o absurdo de uma ligação a que essa mesma assunção pode conferir o mais nobre sentido.

IV

O intérprete força a aproximação entre expressões talvez distantes. Como é seu privilégio e obrigação, as duas coisas de uma vez. Porque é possível interrogar — os actores, o intérprete e o seu auditório — sobre o valor da manipulação de uma palavra, ambígua como todas, para designar, pelo menos, maneiras de ver a dor, a relação ao outro e o trabalho. A sugestão — implícita, subterrânea, corrente marinha — da passividade, ser-se afinal sujeito aos efeitos do que se desencadeou e abriu como sujeito, menos agir de que ser conduzido por uma acção que virou desafio; a sugestão da intensidade, do dramatismo, da extravagância, da injustificabilidade, da desrazoabilidade implicadas no confronto consigo mesmo, do seu excesso com a sua razão prática; e a sugestão liminar da liberdade absurda e funda a que se aporta — a sugestão ganha força renovada quando assim conota uma passagem.

Passagem. Passagem dos tempos, dos valores, dos textos que nos vinculavam. A passagem desqualifica os que passam, de que se diz estarem ultrapassados; e a paixão que articula o sofrimento redentor, o excesso pulsional e a ligação enraizada a tradições de ofício indica também essa desqualificação. Finalmente, a comum desqualificação, a perda semântica implicada na passagem, que acantona culturas no passado, um passado que parece só poder recriar-se ao estilo dos museus, é ela que articula, num mesmo desajustamento, a paixão-dor que a seu modo configurava uma experiência prática do divino, a paixão-desejo que a seu modo cruzava as dimensões lúdica e agonística da interacção social e a paixão-gosto que reunia homens, matérias e necessidades numa arte cooperativa do gesto e do projecto à pequena e pessoal escala.

O que hoje se desqualifica é, porém, mais o código do que o sentimento. É mais fundamente o modo e o meio de expressão do que a coisa exprimida. A paixão segundo São Torcato é um elemento crucial, embora não único, do código de expressão de sentimentos e valores segundo a cultura tradicional de São Torcato. O sentimento não é o que está antes do código. O código que permite exprimir o sentimento produz o sentimento, que constitui, portanto, no mais pleno sentido das palavras, um artefacto cultural.

Eis o que articula sentimentos diversos, porventura contrários, numa mesma unidade tensa de cultura. Cultura, neste caso, primeiro, do valor de modos adquiridos e reactualizados dinamicamente, ao sabor da sucessão e do entrelaçamento dos tempos e das circunstâncias. Depois, da perda em que hoje provavelmente se encontram, confrontados com lógicas em que paixões inventadas por essa particular forma de criação a que chamamos memória social, legitimando um corpo milagroso e milagreiro com uma glosa ad hoc da história putativa de mártires eclesiásticos, são repelidas para as margens ultraperiféricas de discursos populistas apenas tolerados pela dimensão pública do culto; em que paixões ao mesmo tempo do corpo e da alma, que não se podem afirmar discursivamente, como deriva controlada por uma retórica própria, que costumamos intitular de romantismo literário, são empurradas para o lugar maldito do romantismo de cançoneta popular; e em que paixões por artes a que o campo artístico não reconhece senão postumamente valor, parecem deslocadas no sistema industrial e burocrático de trabalho.

Explorando ao limite aproximações forçadas, o intérprete interroga-se sobre este código, em perda mas vivaz — em perda face à ordem contemporânea do mundo e vivaz face ao mundo interior que cada cultura pode traçar-se, sendo, claro, a dialéctica da perda e da persistência a dos cruzamentos em múltiplas direcções entre diferentes meios e dinâmicas sociais. E talvez lhe fosse permitido sugerir que o que só pode agora insinuar-se como paixão, excesso, desajustamento, extravagância, descontrolo de si por si mesmo, é a interrogação colocada por uma razão prática, habituada a articular o sagrado e o quotidiano, o baixo e o digno, o passado e o presente, à lógica dominante do nosso mundo que os cinde. Naquela razão, há seguramente coisas interditas, coisas baixas, coisas indignas, coisas velhas e transactas. Mas a relação com elas, com o indizível, o indigno e o velho — magias e superstições, equivalências entre o profano e o divino, o interesse e a fé, pulsões,

violências e incontinências, novidades por assimilar, riscos desmesurados, qualidades impróprias e competências inúteis ou disfuncionais — é uma integração mais do que oposição polar, ritualização mais do que escondimento, regulação mais do que recalçamento.

E a questão que isto coloca, à ordem racional em que se reconhecem os que a si mesmos se reconhecem como escolarizados, urbanizados e modernizados, o intérprete desde logo, a questão funda que coloca à nossa elaboração religiosa, à nossa civilização da relação face a face e à nossa sofisticação técnico-organizativa, é essa questão, sem sentido no nosso mundo, que a sua própria enunciação como paixão pode reconduzir à pertinência de uma irracionalidade ou um desajustamento em si mesmos, no seu fermento interno e na sua desadequação externa, com todo o sentido.

V

A paixão segundo São Torcato nunca é, todavia, apenas paixão segundo São Torcato. É a paixão segundo São Torcato segundo alguém que fala de fora sobre ela, a procura interpretar e, mais do que restituir, transformar, de modo a torná-la pertinente e adequada ao seu próprio esforço de conhecer e discorrer sobre o mundo. E, se se tornou, afinal, tão imperioso para ele, que falou sobre uma cultura popular em mudança, falar também sobre ela, não foi decididamente porque ela paixão resumisse, condensasse ou potenciase a totalidade singular de tal cultura — mas, unicamente, porque o sentimento e o código que o exprimia ofereciam uma das poucas pontes exploráveis para articular a atitude e o trabalho do intérprete com os valores e as práticas dos actores, eles ainda intérpretes, que procurava interpretar.

Aludimos às vezes, como bons profissionais, à paixão pelo objecto de estudo. Mas se aqui a houve, foi também como perda. Porque as conversas regulares e a partilha do bacalhau frito sob a parreira, as solenidades rituais, dignas e ridículas como todas são, ou a cumplicidade afectiva com alguns, nunca chegaram a esconder a funda consciência de que o intérprete apenas podia compor e retribuir aos seus indagados a balada, um pouco viva, um pouco triste, um pouco inútil, de um desencontro. Distância entre culturas, discursos, condições e contextos. Por isso mesmo, tendo de recuperar o código e o sentimento da paixão para poder também ele, intérprete, nomear esse sentido interior que, sendo intensamente vivido e racionalizado, só pode surgir nos jogos globais entre sentidos como um excesso e uma perda, coisa que, por ter demasiado sentido próprio, perde o sentido publicamente reconhecível pelos outros.

Só posso oferecer-vos, pois, um desencontro, que nada me parece — nem fés, nem ideologias, nem oratórias — capaz de superar. Resta sofrer a desqualificação, que ainda a mim me cabe. Entretanto, se não posso compreender inteiramente algumas das vossas paixões, porque só sei afinal viver a religião como uma história e o amor como uma literatura, talvez nos entendamos quanto ao valor, problemático valor, do ofício. A luz crepuscular, com raros brilhos casuais, que o velho pedia à

pedra e o poeta ao verso, permanece o que é legítimo esperar de um modo particular de tentar chegar a um conhecimento das coisas. O modo exige, certamente, algum arsenal específico de palavras, a que chamamos conceitos, de operações, a que chamamos técnicas, e alguma competência na construção e teste de relações entre conceitos, a que chamamos proposições e teorias. Implica alguma organização, equipas, estruturas, escolas, controvérsias e afinidades. Sabe utilizar, como mais nenhuma outra actividade humana parece conseguir, o alcance e a eficiência da racionalidade moderna e dos poderes da argumentação e do controlo entre pares. O que se insinua, porém, sob a formalidade analítica, o que nenhuma industrialização da ciência pôde ainda eliminar de vez, o que espreita em cada demonstração e resultado, quando nos pomos a interpretar sujeitos, as suas acções e os seus contextos, é ainda uma paixão, uma paixão de ofício, ao mesmo tempo plena e diletante, que se estriba na pergunta mais legítima, porque mais perscrutadora, e mais inútil, porque à aplicabilidade imediata que não sabe fundamentar e de cuja aparência desconfia preferê a espiral, viciosa ou virtuosa, da escolha de um responder refutável, configurando sempre outra pergunta inquietante.

Não posso, amigos, utilizar, sem logro, o vosso código de expressão. "Estou talvez perdido sigo uma estrela/ Alimento-me de solidão a minha paixão é branca", e é outro poeta que desconheceis, o António Ramos Rosa. Mas, se como escreveu certa vez Vasco Graça Moura, "a paixão/ é um conhecimento obcecado/ e sem alternativa", não será porque o conhecimento é uma paixão obcecada e sem alternativa? Que tenha de ser uma paixão branca, discreta, oblíqua, sob pena de se aniquilar a si mesma, não quer dizer que não seja, ao mesmo tempo, uma máxima vinculação pessoal a um trabalho, um ponto de interrogação sobre o mundo e uma posição excessiva e desajustada face às urgências prevalentes nesse mundo, sem sequer garantias últimas ou essenciais a invocar.

VI

Só conhecemos e falamos sobre o real, tudo o que interpretamos e, portanto, construímos como real. Mesmo aquilo, para que forjámos vários nomes, de que muitas vezes precisamos para poder observar de longe a máxima incandescência, portanto obscuridade, do real. De quando em quando, como nas paixões, a maneira mais honesta e sentida de nos aproximarmos passa pela viagem desamparada através de labirintos por cartografar, aceitando as consequências não inteiramente controláveis das escolhas de um dia. De quando em quando, necessitamos de pedir à literatura a possibilidade de buscar o conhecimento nas sombras mais do que nas luzes, na sugestão mais do que na demonstração, no gume expressivo da palavra solta mais do que nas regras canónicas da argumentação, na poesia mais do que na lógica. Às vezes, o principal efeito está, não na resolução, mas na enunciação do paradoxal, do sem sentido, do labiríntico — em mostrar quanto isso se encontra

no coração do nosso olhar. Para o que só haverá então um atributo adequado — intempestivo, intempestivo porque insubmisso, ou quereríamos imaginar livre, isto é, indomável.

Porto, Novembro de 1992

Rol de dívidas

A referência ao martírio de São Torcato vem na página 385 de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, escrito por José Saramago e publicado pela Caminho em 1991. O texto que fixa a interpretação localmente defendida do culto a São Torcato é o do P. Domingos da Soledade Silos, *Vida Preciosa e Glorioso Martírio de S. Torcato*, Guimarães, 1ª ed. cerca de 1854, 17ª ed., 1984. Cristo lembrou aos fariseus o significado da expressão "Misericórdia quero, e não sacrifício", segundo *S. Mateus*, 11, 12. A centralidade da dialéctica entre ordem e desejo na cultura camponesa foi amplamente mostrada por João Pina Cabral, *Sons of Adam, Daughters of Eve. The Peasant Worldview of the Alto Minho*, Oxford, Clarendon, 1986 (com tradução portuguesa na Dom Quixote). *S. Torcato* é o jornal da Irmandade de São Torcato, publicado entre 1947 e 1979. Eugénio de Andrade publicou o poema "Pedras" em *Vertentes do Olhar*, 2ª ed. 1ª em Portugal, Porto, Limiar, 1987, p. 25. Aquilino Ribeiro fala dos dons do ofício e dos costumes como raízes em *Aldeia. Terra, Gente, Bichos* (1946), reed. Lisboa, Bertrand, 1978, pp. 270 e 181. Utilizei largamente as sugestões sobre os elementos de passividade, excesso e liberdade contidos na categorização moderna da paixão, feitas por Niklas Luhmann, *O Amor como Paixão. Para a Codificação da Intimidade* (1982), trad. Fernando Ribeiro, Lisboa, Difel, 1991. Na conceptualização dos sentimentos como construções culturais, sou devedor não só de Luhmann como, e sobretudo, de Clifford Geertz, *A Interpretação das Culturas* (1973), trad. Fanny Wrobel, Rio de Janeiro, Zahar, 1978. Ramos Rosa fala da paixão branca em *As Armas Imprecisas*, Porto, Afrontamento, 1992, p.30. Vasco Graça Moura fala da paixão como conhecimento em *Os Rostos Comunicantes*, Lisboa, Dom Quixote, 1984, p.55. Procurei, finalmente, eu interpretar a cultura local de São Torcato, freguesia do concelho de Guimarães, no limiar dos anos 90, em *Tempos Cruzados: Um Estudo Interpretativo da Cultura Popular*, dissertação de doutoramento, Lisboa, ISCTE, 1991.